[Inquérito do assassinato do escravo Angelo pelo escravo Manoel. Testemunho – 1887]
1.ª testemunha || Luiz Antonio de Carvalho de vinte | e cinco annos de idade lavrador, caza-| do morador deste distrito, natural de [?], aos costumes disse nada, tes-| temunha jurada aos Santos evangelho em um livro delle, o que faz | sua mão direita, e prometeo dizer | a verdade do que soubese e lhe fosse | perguntada. E, sendo inquirida so-| bre os factos constantes do auto de cor-| po de delito?, Respondeo que, estando co-| lhendo milho com Joaquim Luiz [?], e | Jacinto de Souza Prado (Senhor de Mano-| el,) e Antonio escravo de Joaquim Luiz, | e Manoel que se acha prezo, e Inocencio | criolo da mesma idade escravo tambem | de Jacinto, as quatro horas da tarde forão || 1 v. || forão chamados para jantar na [?]| de Jacinto, ficando na rossa Angelo e | Antonio criolo, e o réu Manoel por | ja terem jantado primeiro, mais despois | de jantado que ião continuar no traba-| lho, Joaquim Luiz ordenava Antonio | que fosse para casa levar um [?]| de milho para tratar da porcada, co-| mo de facto foi Antonio fazer o que | lhe foi determinado, ficando=as sós | Angelo e Manoel ajuntando milho | apartados de outros trabalhadores, mais | a piquena distancia achavamos tra-| balhando, notei que avia alguma | briga por ovir nomes injuriosos, fa-| lei inmediata mente ao Senh*or* Joaquim | Luiz que por serto havia briga ahi | perto, respondeo o Senh*or* Joaquim Luiz | Qual; isso desserto é o [criolo] que esta | tocando gado das plantações, chegado a | hora de se retirar do trabalho [?]| [?] se todos os trabalhadores donde notarão | a falta de Angelo, mandou o Senh*or* Joaq-| uim Luiz o seu pequeno Inocencio nos | quebrado do milho procurar Angelo, | indo o rapaz a pequena distancia, gritou | o pequeno, elle não esta aqui; mandou | chamar o Joaquim Luiz, vá mais para | diante negrinho, caminhando o peque-| no mais algumas brassas,[1] ouvio ella | testemunha o pequeno gritar, matar-| ão [nh-á] Angelo, cuitado, hai accudirão os | trabalhadores forão ver o [cadavel] de || 2 r. || de Angelo que estava deitado com | a cabeça esmigalhada. E Manoel ja-| se tinha [aritirado] para casa. Pergun-| tado mais? respondeo, que, Manoel | praticou o facto criminozo, e foi [?]| [?] para casa de seu senhor, e | la estava chupando cannas com todo | sangue frio, como quem não tivesse fe-| ito nada, atribuimos isto a marvadeza | de Manoel; E por nada mais saber, | nem lhe ser perguntado, [deuse] por | findo este depoimento, depois de lhe | ser lido e achar com forme, assi-| gnam o Senhor delegado; do que dou fé. | Eu Francisco Hilario de Pontes escri-| vão que o escrevi. [duas assinaturas]

[1] *Brassas:* tanto Bluteau quanto Houaiss registram *braça* (p. 174 e p. 500, respectivamente). Nos dois casos, trata-se de uma unidade de medida que vai até uma ponta a outra dos dedos de cada mão de um indivíduo de braços abertos. Houaiss anota que essa unidade de medida ainda está em uso no Brasil (idem).